

**DA MÚSICA AO INSTRUMENTO METODOLÓGICO: uma
proposta de análise de produtos culturais a partir da
representação da viola de buriti ¹**
***FROM MUSIC TO A METHODOLOGICAL INSTRUMENT:
a proposal for the analysis of cultural products based on
the representation of the buriti viola***

Marco Túlio Pena Câmara ²
Mariana Felix Pacheco³

Resumo: *Este artigo apresenta uma proposta metodológica de análise de conteúdo de produtos culturais regionais, a partir da representação midiática da viola de buriti, instrumento tipicamente tocantinense. O objetivo é entender como essa cultura e os músicos estão sendo representados pelo telejornalismo, considerando aspectos importantes na construção da identidade cultural regional. Como exemplo de aplicação, propomos a análise piloto de uma reportagem televisiva do programa Jornal do Campo, da TV Anhanguera, sobre a 4ª edição do Café com Viola, evento que reúne mestres da viola de buriti para um encontro de saberes, música e tradição no distrito de Taquaruçu (TO). A partir dos aspectos fundamentais na construção da identidade e da relação com a viola de buriti, conclui-se que a cobertura jornalística ainda foca na agenda cultural, não aprofundando aspectos relevantes e de impacto social e cultural daquilo que visa representar.*

Palavras-Chave: Viola de Buriti. Análise de Conteúdo. Cultura. Tocantins

Abstract: *This article presents a methodological proposal for content analysis of regional cultural products, based on the media representation of the viola de buriti, a musical instrument that is typical of the state of Tocantins, Brazil. The objective is to understand how this culture and its musicians are being represented by television journalism, considering key aspects involved in the construction of regional cultural identity. As an example of application, we propose a pilot analysis of a television report aired on Jornal do Campo, broadcast by TV Anhanguera, covering the 4th edition of Café com Viola, an event that brings together masters of the viola de buriti for a gathering centered on knowledge exchange, music, and tradition in the district of Taquaruçu (TO). Based on the fundamental elements involved in identity construction and in the relationship with the viola de buriti, we conclude that the journalistic coverage remains focused on the cultural agenda, without further exploring relevant aspects and the broader social and cultural impacts of what it seeks to represent.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Práticas interacionais, linguagens e produção de sentido na comunicação. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: marco.camara@mail.uft.edu.br.

³ Mestranda em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: felix.mariana@mail.uft.edu.br

Keywords: *Buriti Viola. Content Analysis. Culture. Tocantins.*

1. Introdução

*Violinha de vereda,
viola de buriti.
Quando toco essa viola 'sá' menina
é como lembrar de ti...*

(Violinha de Vereda - Quilombo Mumbuca e Josino Medina)

Mais do que um instrumento musical, a viola de buriti se firma como uma importante ferramenta de identidade, memória e de identificação no Tocantins. O instrumento, que compõe o cenário cultural e musical do estado, carrega um legado de tradição e resistência das comunidades quilombolas e rurais do Tocantins. Embora essa cultura faça parte da história do estado há décadas, muitos tocaninenses não têm conhecimento da existência desse instrumento e dos músicos deste saber popular. Nesse cenário, o jornalismo é fundamental para promover o acesso à informação, principalmente, de pautas vinculadas aos grupos socioculturais minorizados, sendo uma importante vitrine de divulgação das tradições, saberes e culturas tradicionais no estado.

O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta metodológica de análise de produtos jornalísticos e midiáticos sobre cultura regional, com base no que se constitui as manifestações locais, a partir dos elementos da viola de buriti e o que ela representa para a preservação histórica e cultural do estado. O Tocantins, oficialmente registrado como estado da federação na constituição de 1988, carrega, em sua história, lutas e tradições culturais de comunidades indígenas e quilombolas, regiões em que a viola de buriti é popularmente conhecida e tocada. Sendo assim, a proposta aqui apresentada visa preservar essas características e memórias, valorizando os saberes tradicionais e populares, em consonância com práticas acadêmicas e metodológicas consolidadas e difundidas nos mais diversos espaços científicos.

Para tanto, utiliza-se a análise de conteúdo categorial, de Sampaio e Lycarião (2021), sob abordagem contra-hegemônica discursiva (PAVEAU, 2023), propondo novas categorias que consideram os conceitos de território, identidade, ancestralidade, objetos, cenários, linguagem falada, resistência cultural e musicalidade, seguindo propostas de análises de vídeos tendo a multimodalidade como principal base teórico-metodológica, mas valorizando aspectos socioculturais em sua construção (CÂMARA, 2024a). Paveau (2023) defende que a

Análise do Discurso não pode se limitar à objetividade científica, que promove o distanciamento do que se busca analisar, com incentivo da subjetividade, também, na definição do *corpus* e no olhar teórico-metodológico que se lançará sobre ele. Embora a proposta se norteie na Análise de Conteúdo e não faça a Análise do Discurso propriamente dita, é importante considerar essa aproximação no que tange à subjetividade intrínseca ao fazer científico e, principalmente, quando se trata de sujeitos historicamente marginalizados.

A viola, enquanto um instrumento musical, guia as análises aqui propostas, como um instrumento metodológico de representação, que valoriza todos os aspectos que envolvem tal manifestação cultural regional. Como indicação de aplicação e exemplo de análise, este trabalho se volta à análise piloto de uma reportagem jornalística do Jornal do Campo, da TV Anhanguera (afiliada da Globo nos estados do Tocantins e de Goiás), a fim de demonstrar como se dá a representação jornalística da viola de buriti a partir da formação e discussão da identidade, cultura e memória. Ressalta-se que tal proposta de análise faz parte da pesquisa de mestrado, ainda em andamento.

O trabalho se insere no GT “*Práticas interacionais, linguagens e produção de sentido na comunicação*” na medida em que entende a viola de buriti não somente como instrumento musical, mas também como uma representação simbólica e poética de instrumento metodológico. Ademais, entende-se que a música regional se firma como linguagem e, principalmente, uma prática interacional ancestral, que produz sentido não somente cultural, mas de sabedoria popular e narrativa histórica. A temática também se insere no tema do *Encontro Anual da COMPÓS 2026*, em que se discute “*saberes ancestrais e novos horizontes da pesquisa em comunicação*”, uma vez que reconhece a viola de buriti enquanto um conhecimento tradicional quilombola e apresenta uma proposta metodológica que a valorize como tal, apresentando-a ao horizonte de pesquisas na área de Comunicação.

Assim, a proposta é identificar representações, narrativas e enquadramentos relacionados à viola de buriti e aos violeiros, a fim de perceber como a tradição histórica, cultural e identitária nas quais o instrumento está inserido podem ser abordados e retratados em produtos midiáticos e jornalísticos. Para tanto, utiliza-se a literatura e os conhecimentos quilombolas na definição das categorias e na proposição metodológica que valorize tais saberes, adaptando a outras situações, sujeitos e objetos de pesquisa que se aproximem de tais representações subalternizadas, indicando, então, um possível caminho acadêmico-científico

mais plural que parta dos saberes ancestrais acionados para, então, seguir o caminho epistemológico requerido.

2. Viola de buriti: tradição e representatividade

Feita a partir da matéria-prima do talo seco do buritizeiro, palmeira típica da região amazônica e do bioma cerrado, a viola de buriti é um instrumento de cordas feito de forma artesanal. Essa tradição nasceu em comunidades quilombolas e rurais do estado, em meados da década de 1940, na região do Jalapão (TO).

O saber ancestral de fabricar e tocar é um legado transmitido de geração em geração, até a atualidade, por meio da história oral. Krenak (2022, p. 116-117) aponta que “as pessoas antigas têm a habilitação de quem passou por várias etapas da experiência de viver. São os contadores de histórias, os que ensinam as medicinas, a arte, os fundamentos de tudo que é relevante para ter uma boa vida”. Assim, com o passar dos anos, essa cultura tem atravessado fronteiras, existindo e resistindo, também, em outras regiões do estado como Lajeado, Ponte Alta, Santa Tereza, Lagoa do Tocantins, Novo Acordo e Taquaruçu (distrito da capital Palmas).

É a partir desse atravessamento de localidades, regionalidades e identidades que objetivamos verificar como tal cultura está sendo representada, compreendendo que o instrumento simboliza não só a música regional, mas a formação de identidade tocaninense. De acordo com Bonilla (2019, p. 100), a viola de buriti “ultrapassa seu estado físico e se relaciona ao imaginário, afetividade e memória coletiva, sendo um objeto de identificação demarcando seu território”. Essa característica atribui à viola de buriti um caráter simbólico de instrumento tipicamente tocaninense, em que a identidade é expressa tanto no tocar quanto na fabricação do instrumento pelos mestres dessa tradição. Nesse sentido, a música carrega um papel fundamental na construção da identidade cultural do Tocantins.

A música se evidencia na região como um símbolo da construção da identidade local desde antes da criação do Estado. Esta música é a fixação simbólica de um espaço que desde antes de se conhecer como nação já carregava o estigma de lugar com algumas importantes especificidades culturais (LIMA; MENESES, 2021, p. 80).

Entretanto, é importante frisar que a viola de buriti ainda não é reconhecida como patrimônio cultural e imaterial do Tocantins, o que contribuiria sobremaneira para sua preservação e valorização extra-territorial. Em 2018, a Associação dos Artesãos e

Extrativistas do Povoado da Mumbuca entrou com um pedido de registro da viola de buriti como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O processo de N° 01422.000023/2018-53⁴ permanece em trâmite, porém sem previsão de aprovação ou retorno para as comunidades.

O reconhecimento pelo IPHAN viabilizaria a tomada de medidas públicas de fomento, preservação e salvaguarda da cultura da viola de buriti, beneficiando, também, os músicos desse saber tradicional, que, atualmente, estão desamparados pelo poder público do estado. Justifica-se, assim, a relevância de fomentar a discussão sobre essa temática para que a luta dessas comunidades ganhe mais força e visibilidade, para além das representações midiáticas tradicionais, como a observada neste trabalho.

Sendo a cultura da viola de buriti uma manifestação cultural e musical, observa-se que esse instrumento faz parte da construção da memória, história e afirmação da identidade tocantinense, o que revela a relevância de sua preservação. Entretanto, essa tradição conquista seus espaços de direito a passos lentos, por meio da resistência dos músicos, que contam com recursos próprios, muitas vezes escassos, e são movidos pela necessidade de fazer com que essa cultura não seja extinta.

Com a ausência do apoio de instituições ou do próprio governo, grande parte dos mestres da viola de buriti só conseguem divulgar sua cultura e seu trabalho por meio dos próprios perfis nas redes sociais (situação que se aplica para poucos violeiros que têm acesso à internet) ou quando eles mesmos participam de algum evento. Um exemplo deste último caso é o “Café com Viola de Buriti” (FIG 1), promovido pelo ponto de cultura Pote de Ouro Art's, no distrito de Taquaruçu, no qual os violeiros participam de palestras, oficinas, rodas de conversa e se apresentam em um show coletivo como convidados especiais. O evento ganha notoriedade regional e visibilidade midiática, como apresentaremos a seguir, enquanto agenda cultural e divulgação da tradição.

⁴ Disponível em:

https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?wt7h6hFBI_9S3DJjGLI0dpQiiSEQ_L4RcICP821UP_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOcre-boq5aJsGIGSDnhP6_RtXbFOrjS3zYa1lVtzboFRlgiTR-w. Acesso em: 12 de fev. 2026.



FIGURA 1 - Apresentação de violeiros na 4ª edição do Café com Viola de Buriti em agosto de 2025.
FONTE - EMMERSON SILVA (2025).

Para além da viola de buriti, que é a protagonista do evento citado, a rabeca de buriti também é apresentada como um instrumento tipicamente tocantinense. O instrumento de cordas tocado com um arco apresenta raízes semelhantes às da viola de buriti, mas, diferentemente da viola, é um instrumento quase extinto no estado. Sua resistência está nas mãos dos rabequeiros Getúlio Correia, conhecido como Seu Miúdo, e Wendle Lima⁵.

Atualmente, iniciativas como os projetos Café com Viola de Buriti e o Projeto Vereda⁶, ambos do distrito de Taquaruçu, têm levantado a pauta da viola e da rabeca de buriti por meio de recursos de editais de fomento à cultura⁷. Considerando a situação atual dessa tradição no estado, ao mesmo tempo que projetos como esses são importantes, tendo em vista a realização de eventos, oficinas, apresentações e rodas de conversa sobre a temática, por outro lado a não garantia da perenidade dessas ações é uma atual preocupação, considerando a total dependência desses editais e o fato de não existir nenhum projeto permanente por parte do poder público, que vise à preservação e o fomento da cultura da viola de buriti.

⁵ Até a finalização deste artigo, não foram encontrados registros de outros rabequeiros da rabeca de buriti, no Tocantins, ou algum pedido de registro deste instrumento como patrimônio cultural e imaterial do estado.

⁶ Projeto de educação musical e patrimonial com foco em culturas tradicionais do Tocantins, no distrito de Taquaruçu. Perfil do projeto no Instagram: <https://www.instagram.com/projetovereda/>. Acesso em 12 de out. 2025.

⁷ Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC), Lei Paulo Gustavo (gerida pela Prefeitura Municipal de Palmas) e Fundo Estadual de Cultura do Tocantins (geridos pela Secretaria da Cultura do Tocantins).

3. O telejornalismo e a representação da cultura regional

Responsável pela representação audiovisual tradicional, popular e de fácil acesso na sociedade, a televisão é o principal veículo de comunicação do sistema de comunicação de massa brasileiro (Rezende, 2000). Essa popularidade se deve à própria natureza da televisão com seus diversos recursos visuais, sonoros e linguísticos, firmando-se como um produto que se apropria da linguagem multimodal. Todas essas características audiovisuais influenciam diretamente na capacidade que a TV tem de conseguir sustentar um nível constante de atenção e curiosidade do telespectador, resistindo às inovações tecnológicas e novos consumos midiáticos, adaptando-se aos cenários e novos consumos impostos.

Dados da Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM) de 2016⁸, realizada pela Secretaria Especial de Comunicação do Governo Federal, apontam que cerca de 89% dos brasileiros optam pela TV como fonte principal de busca por informação. A internet fica em segundo lugar com um percentual de 49%, seguida do rádio (30%) e do jornal impresso (12%). Assim, podemos observar que os hábitos de consumo de mídia no Brasil já apresentavam percentuais bastante expressivos 10 anos atrás, revelando como o alcance das notícias era distribuído na época. Ao considerarmos os avanços da tecnologia que vivenciamos na atualidade, os resultados provavelmente apresentariam um aumento significativo no percentual da web e uma possível redução drástica nos outros meios. No entanto, desde 2016, o Governo Federal não realizou mais nenhuma edição da pesquisa.

Segundo Moreira (2025, p. 25), os telejornais exercem um papel importante na organização e apresentação das notícias, visto que “essa estrutura dinâmica auxilia as pessoas a terem uma percepção mais clara dos acontecimentos. Além disso, o destaque de notícias as torna mais visíveis para o público”. Ao considerar a necessidade da visibilidade de temas relevantes para a sociedade, o telejornalismo também se firma como uma peça fundamental devido a sua alta capacidade de alcance de público e formação sociocultural informativa. No entanto, é importante observar os recortes regionais da prática do telejornalismo, que devem indicar e preservar em suas representações audiovisuais características de determinada região, especialmente no Norte do país, onde o Tocantins está localizado.

⁸ Governo Federal. 13 abr. 2023. Disponível em:

<https://www.gov.br/secom/pt-br/aceso-a-informacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-2013-a-2018/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>. Acesso em 31 jan. 2026.

As praças públicas, no plural, que emergem pelas produções jornalísticas audiovisuais também adquirem contornos próprios quando analisadas sob o viés do regionalismo. No caso da região Norte, a maior em extensão entre as cinco regiões brasileiras, não há como deixar de considerar a diversidade de povos, culturas, identidades e saberes. É um espaço geográfico que apesar de delimitado politicamente, é fluído para as populações tradicionais (OLIVEIRA, 2025, p. 5).

Assim, o aprofundamento de pautas culturais nortistas se firma não somente para o conhecimento da população sobre as manifestações que aqui ocorrem, mas também como afirmação de identidade e pertencimento da região na qual estamos inseridos. Desse modo, é esperado que o levantamento de pautas regionais parta, principalmente, de veículos locais, tendo em vista a proximidade com esses assuntos, o que não impede que veículos nacionais também se interessem por pautas específicas de uma região. A exemplo disso, em 2024, o programa Globo Rural, da Rede Globo, produziu uma reportagem especial sobre a viola de buriti no Tocantins, o que endossa a relevância da temática dessa tradição na atualidade. Acrescenta-se a essas características a importância das mídias como guardiãs da memória, especialmente visual, no caso da televisão, em que a produção de sentidos se dá a partir da integração dos diferentes modos de linguagem, reafirmando o papel dessas representações midiáticas na formação de uma ideia de história e de memória social (Ribeiro; Ferreira, 2007).

Desse modo, ressaltamos a importância de analisar como os veículos midiáticos de grande massa trabalham a temática da viola de buriti, buscando entender como essa representação midiática é construída e os consequentes impactos para essa cultura e para as comunidades envolvidas. Também torna-se importante compreender como essa representação pode contribuir significativamente para sua valorização, divulgação e preservação, a partir de elementos de identificação, construção de identidade e valorização cultural. Eis alguns dos desafios das representações midiáticas, especialmente de populações e tradições historicamente marginalizadas, valorizando o recorte regional.

Diante de espaços tão complexos, de disputas permanentes e históricas, o telejornalismo nortista também se mostra como um lugar de desafios, oportunidades e de problematização. Os desafios se referem a necessidade da sensibilidade e de uma formação crítica na construção das narrativas, de modo que respeite os Direitos Humanos, as cosmovisões dos povos tradicionais e que consiga refletir a diversidade regional (OLIVEIRA, 2025, p. 5)

Nesse sentido, é importante trabalhar as temáticas culturais e regionais em sua completude e complexidade, a partir dos elementos multimodais que constituem o texto televisivo, entendido, aqui, como a junção da escrita com imagens e sons. Compreendendo a

música também como linguagem e a viola como o instrumento para que ela seja expressada, interessa-nos, aqui, olhar para tais representações e perceber como a identidade, a história e a cultura são construídas nesses produtos midiáticos.

Portanto, é importante considerar os preceitos do jornalismo cultural nessas coberturas, não somente pela temática, mas, principalmente, pelos desdobramentos, fundamentos e relevância histórica. O referido gênero jornalístico, portanto, exerce um “papel simultâneo de orientar e incomodar, de trazer novos ângulos para a mentalidade do leitor-cidadão” (PIZA, 2004, p. 117). Tal característica vai ao encontro com os desafios e funções do telejornalismo nortista apresentado anteriormente, a fim de promover mais reflexão sobre a cultura ali representada, considerando o telespectador enquanto cidadão inserido naquele contexto regional e cultural.

Devido, também, à sua forte capilaridade e diálogo com a sociedade, garantindo interesse por parte dos interlocutores, o jornalismo cultural também influencia a própria cultura ao longo dos anos, a partir das representações e avaliações das ideias, artes e valores ali presentes. Piza (2004) aponta que, no Brasil, esse tipo de jornalismo só adquiriu forças no final do século XIX, com a influência de grandes escritores nacionais como Machado de Assis e José Veríssimo. Até o início do século XX, o jornalismo de modo geral era escasso, com ênfase em artigos políticos e poucos debates sobre livros e arte. Nesse período, a modernização da sociedade foi um dos fatores essenciais para uma verdadeira mudança dentro do cenário do jornalismo.

Uma das principais problemáticas enfrentadas dentro do jornalismo cultural é o pensamento enraizado de que a cultura é algo restrito a um certo grupo de pessoas, geralmente intelectuais, tornando a cultura como algo inatingível (PIZA, 2004). Nesse contexto, é fundamental promover a democratização não só dos produtos culturais, mas também do próprio jornalismo cultural, que auxilia na sua divulgação e distribuição.

Mais do que divulgar e conseguir amplo alcance, o jornalismo cultural demanda técnicas e estratégias de atenção que devem ir além de pautas consideradas factuais, no jargão jornalístico. Peres (2007, p.17) aponta que “o empobrecimento técnico do jornalismo cultural é resultado da banalização do alcance que é capaz de atingir”. Tal observação se justifica a partir do que se observa, ainda hoje, no jornalismo tradicional diário em que a cultura figura apenas como agenda cultural. A subestimação de audiência e outros fatores, como a influência política e econômica das grandes corporações que controlam as redes de TV,

podem impactar a forma como as pautas culturais são trabalhadas nas redações. Em vista disso, Rezende (2000) acredita que é improvável que o telejornalismo esteja cumprindo satisfatoriamente uma missão social voltada a atender às necessidades das camadas populares. Considerando a relevância de se destacar eventos e divulgar atividades culturais, torna-se necessária, ainda, uma reflexão mais aprofundada sobre a forma como os temas culturais são abordados atualmente, muitas vezes de modo superficial, deixando de lado a repercussão de tais eventos e, principalmente, a história, contexto e significado deles.

Desse modo, firma-se que o telejornalismo atue, de maneira mais enfática, na preservação e na divulgação de culturas locais, principalmente, aquelas que forjam a identidade regional. A partir disso, é importante compreender como a viola de buriti e os respectivos violeiros estão sendo representados na mídia local, no que concerne à valorização da cultura na formação dessa identidade, sendo a viola um instrumento para que isso ganhe visibilidade.

Para além da televisão, a internet e as redes sociais também têm sido grandes aliadas no que diz respeito ao levantamento de pautas, compartilhamento de informações e divulgação. Emerim (2010) acredita que esse alcance se deve ao fato de que a imagem se torna cada vez mais acessível, rápida e próxima de ser ‘tocada’ por diversas pessoas.

A internet derrubou as barreiras de transmissão de dados à distância e criou novas expectativas quanto à comunicação dos seres no planeta. Isto se refletiu diretamente na mídia televisiva, que hoje se reconfigura, tentando entender que público é este que acessa sob estas novas bases (EMERIM, 2010, p. 2).

Embora não seja o foco deste artigo trabalhar com a web, é importante ressaltar essa reconfiguração citada pelo autor para que se amplie a discussão acerca da formação da identidade e da representação da cultura a partir de produtos jornalísticos. A internet, nesse contexto, amplifica a visibilidade dessas representações aqui elencadas, especialmente na ampliação de identificação, informação e conhecimento, que podem culminar em processos de identidade e reforço histórico-cultural.

Considerando a relevância da temática da viola de buriti para o Tocantins e a atual situação em que os mestres violeiros se encontram, torna-se necessária a problematização do pouco espaço que os veículos locais têm dado para que essa cultura seja amplamente divulgada dentro do próprio estado. Atualmente, uma das únicas mobilizações para a

divulgação desta temática pode ser observada no site www.violadeburiti.com.br⁹, projeto idealizado pelos mesmos criadores do evento Café com Viola de Buriti, que tem feito um trabalho independente de curadoria de materiais acadêmicos, audiovisuais e jornalísticos sobre a cultura da viola de buriti. É a partir deste levantamento, e do observado pouco material de jornalismo cultural que abarque a viola, que fizemos a escolha da reportagem utilizada como exemplo de análise e a proposta metodológica descrita a seguir.

4. Instrumento de análise: proposta metodológica a partir das características da viola de buriti

*Minha viola é de buriti
Eu toco ela pra me divertir
Eu gosto dela e ela gosta de mim
Eu toco ela para o mundo inteiro ouvir...
(Minha viola é de Buriti - Maurício Ribeiro)*

O trecho da canção apresentada na epígrafe desta seção também se firma como a justificativa deste artigo e da pesquisa que o abrange: a divulgação e maior abrangência da cultura da viola de buriti. Guarda, ainda, em si, alguns dos critérios relatados a seguir, como identidade, territorialidade e pertencimento. É partindo desse contexto que indicamos, aqui, uma proposta metodológica que se relacione diretamente com o objeto de estudo e sujeitos de pesquisa, estabelecendo-se critérios de análise sem perder o rigor metodológico que a produção científica preconiza.

A metodologia aqui proposta se baseia na análise de conteúdo (BARDIN, 2002; SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021) a partir da sistematização, descrição e indicativos para as análises, de caráter discursivo em abordagem contra-hegemônica (PAVEAU, 2023), uma vez que consideramos o contexto do discurso midiático, os interlocutores envolvidos e, principalmente, o protagonismo quilombola dessa manifestação cultural, sobre o qual se firma a característica contra-hegemônica evocada.

A análise de conteúdo aqui proposta se demonstra a partir de seu aspecto categorial quantitativo, definindo-se como uma “técnica de pesquisa que busca permitir a criação de inferências sobre determinado conteúdo” (SAMPÃO; LYCARIÃO, 2021, p. 45). A aplicação dessa metodologia consiste na codificação dos conteúdos a serem analisados e na aplicação

⁹ O projeto foi desenvolvido com recursos do Fundo Estadual de Cultura do Tocantins, por meio de edital no ano de 2025. O levantamento de materiais está disponível no link: <https://www.violadeburiti.com.br/publicacoes>. Acesso em 30 de out. 2025.



de códigos que posteriormente formam categorias, o que é importante para este trabalho na medida em que indica os critérios de análise que sejam específicos para o contexto aqui apresentado.

Entendemos por códigos todos os dados que podem ser classificados em categorias pelo compartilhamento de suas características (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021). Codificar é o processo de organização desses dados codificados em categorias, em termos de conteúdo ou contexto. Já as categorias são elementos que proporcionam meios para “descrever o fenômeno sobre investigação, aumentando o conhecimento e gerando conhecimento” (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 46).

Assim como as notas de uma canção se entrelaçam formando uma melodia carregada de significados, a análise de conteúdo também pode atuar como uma corda que leva à produção de sentido daquela mensagem, firmando-se como um fio condutor “que compõe a análise de dados e vai interligando as informações que vão surgindo até despontar em uma possível resposta da questão investigada” (PAIVA; OLIVEIRA; HILLESHEIM, 2021, p. 25). Para este trabalho, a análise tem como foco a identificação de representações, narrativas e enquadramentos relacionados a viola de buriti, os violeiros e ao próprio evento Café com Viola de Buriti, a partir de uma reportagem televisiva da cobertura do evento.

As etapas metodológicas propostas por Sampaio e Lycarião (2021) se desdobram inicialmente em três: **conceituação, desenho e análise**. Cada uma delas é dividida em sub-etapas que contribuem para uma análise mais completa, como revisão de literatura, questões e hipóteses, seleção de unidades e subunidades de análise, criação e definição de categorias, amostragem, pré-teste das categorias e das regras de codificação, treinamento final e testes de confiabilidade, codificação, tabulação e aplicação de procedimentos estatísticos, interpretação dos resultados, validação e replicabilidade (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021).

Conforme as etapas acima citadas, a conceituação consiste na identificação do problema e nas questões de pesquisa e hipóteses. Para o presente trabalho, delimitamos a representação midiática da viola de buriti e dos violeiros como o foco central da investigação, tendo como base a hipótese de que o telejornalismo cultural local realiza o enquadramento de agenda, não da representação da cultura e da identidade regional.

O desenho da análise de conteúdo, com o protagonismo dos desdobramentos do que representa a viola de buriti, é o foco principal deste trabalho. Além disso, intenta-se que a

categorização aqui apresentada possa servir de base para outras pesquisas nessa mesma área, a partir dos elementos citados a seguir, de modo a classificar os materiais audiovisuais e suas respectivas representações. Assim, o objetivo é a valorização da cultura e a construção sólida da identidade, baseada na ancestralidade e na memória, permeadas por processos de identificação..

A partir das etapas acima relatadas e das interpretações das unidades semânticas do conteúdo analisado (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021), apresentamos a proposta de categorização dos materiais audiovisuais a partir dos seguintes elementos: i) **território**, ii) **identidade**, iii) **ancestralidade**, iv) **objetos e cenários**, v) **linguagem falada**, vi) **resistência cultural** e vii) **musicalidade**.

A categoria **território**, para além da ligação direta com a localidade, também está relacionada ao conceito de pertencimento. Pertencer a um território e reconhecer-se como parte dele revela uma relação de familiaridade e orgulho em representá-lo. Para Santos (2023), território também é a relação de compartilhamento de saberes que estabelecemos com o ambiente como um todo e com outros seres vivos (plantas e animais). Nessa perspectiva contracolonial, somos seres ‘compartilhantes’ à medida que buscamos pertencer àquele local.

Em confluência com esse pensamento, Brito (2025, p.73) também reforça que “o sentimento de pertencimento a uma comunidade são resquícios das memórias herdadas que continuam a reverberar as tradições seculares que transpassam gerações, sempre se projetando no futuro a partir do presente”. A territorialidade é importante para a viola de buriti, uma vez que ela é específica do Tocantins, sendo um produto de reconhecimento do estado. Tal elemento está intrinsecamente ligado aos próximos dois itens.

A categoria de **identidade** se refere a elementos que distinguem, caracterizam e representam uma pessoa, grupo, objeto ou manifestação cultural (símbolos, roupas, cores, músicas, danças, gestos, rituais etc). Tais elementos partem dos diversos modos de linguagem e formações discursivas na construção da subjetividade do que é representado (PAVEAU, 2023). A identidade também se manifesta através da expressão e da relação de pertencimento a um território, um povo, uma comunidade. Todas essas características forjam a construção do sujeito inserido no mundo e como ele se autorrepresenta e se auto identifica, principalmente em comunidades e populações subalternizadas, a fim de formar a identidade a partir dessas vivências.

Ademais, as representações multimodais em produtos audiovisuais podem ser indícios de como tais identidades podem ser externalizadas (CÂMARA, 2024a). Assim, a identidade se firma como uma categoria de análise nesta proposta a fim de identificar elementos simbólicos em comum em conteúdos midiáticos sobre a viola de buriti, que podem ser caracterizados como representação da identidade dessa tradição popular.

Já a **ancestralidade** está intimamente relacionada com a história de um povo ou comunidade e a herança simbólica, social, cultural que permanece através do tempo entre gerações, muitas vezes, por meio da oralidade. Tal elemento se relaciona intrinsecamente com a territorialidade, primeiro tópico, mas não se limita ao espaço físico ou o subsequente pertencimento. No caso da viola de buriti, a tradição é perpetuada a partir dos ensinamentos ancestrais de quem pertence às comunidades quilombolas e rurais envolvidas no processo de produção do instrumento, sendo a ancestralidade um elemento central na origem e na continuidade da existência do instrumento.

Nesse cenário, a oralidade é elemento central na perpetuação de tradições e fortalecimento da cultura local. A história oral possui uma relevância bastante significativa na preservação de culturas e tradições, uma vez que “ensinamentos e tradições foram preservados e transmitidos por meio de rituais, danças, músicas, orações, conversas, e acabaram sendo encobertos por culturas ditas principais” (MARQUETTI; DA SILVA, 2008, p.4). Krenak (2022, p.116-117) defende que pessoas mais antigas, por terem passado por várias etapas da experiência do que é viver, tem uma sabedoria que deve ser tratada como algo valioso pelas novas gerações, afinal, “são os contadores de histórias, os que ensinam as medicinas, a arte, os fundamentos de tudo que é relevante para ter uma boa vida”.

Assim, a ancestralidade é um elemento central na origem e na continuidade da tradição e cultura da viola de buriti. É a partir dos mestres que o ofício de tocar e construir o instrumento é passado de pai para filho, de avô para neto e de famílias para comunidades inteiras, não sendo algo imposto já que, no processo de aprendizagem da viola de buriti, “os mestres apenas apresentam a viola, e a partir de então, por espontânea vontade e inspiração, os filhos procuram aprender ou não” (SILVA, 2018, p.33).

A análise dos **objetos e cenários** presentes nos materiais midiáticos sobre cultura regional é fundamental para a compreensão das categorias anteriores, uma vez que os elementos identitários e simbólicos geralmente são apresentados e/ou utilizados, propositalmente ou não, na composição das cenas dos materiais audiovisuais. A análise

desses elementos segue as proposições dos estudos de multimodalidade em produtos audiovisuais (NORRIS, 2004; CÂMARA, 2024b), em que valoriza e aprofunda nos diversos modos de linguagens presentes em um vídeo. No caso dessa proposta metodológica e piloto de análise, interessa-nos compreender como os objetos presentes na cena retratada, assim como o cenário em que a reportagem é feita, constroem a representação midiática da viola de buriti, no sentido da promoção da cultura e construção da identidade.

Sendo a linguagem oral fundamentalmente determinante nas interações (KRENAK, 2022), assim como também são os traços linguísticos que caracterizam uma população, a categoria **linguagem falada** busca reconhecer o distanciamento ou a identificação nos produtos midiáticos sobre cultura regional, com foco na presença, ou não, de regionalismo no discurso midiático falado.

O Tocantins, especificamente, sofre bastante influência e ainda é visto como similar ao estado de Goiás, fazendo com que aumente a necessidade do distanciamento das culturas, buscando características próprias que diferenciem o cidadão goiano do tocantinense (ANJOS, 2017). Além de Goiás, outros estados também são importantes na construção cultural do estado considerado o mais novo da federação, como Bahia, Pará, Maranhão, Piauí e Mato Grosso, que também fazem divisa com o Tocantins. Grande parte da população tocantinense é composta por migrantes de estados vizinhos, fator que é refletido diretamente nos hábitos do dia a dia, na culinária, nas gírias, nos sotaques e na linguagem falada como um todo.

Além disso, o Tocantins também possui uma forte presença de comunidades indígenas¹⁰ e quilombolas, populações originárias do território. A influência cultural de todos esses estados e das populações tradicionais fez com que o Tocantins desenvolvesse uma identidade única e familiar às regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, firmando-se como um verdadeiro “coração” que pulsa regionalismo e diversidade no centro do país (ANJOS, 2017; CÂMARA, 2023).

Tais elementos da linguagem oral permitem aferir o processo de identificação como parte constituinte da construção da identidade e da preservação da memória e da cultura, uma vez que essa identificação ou o afastamento, seja da pessoa jornalista que produz a reportagem ou dos violeiros que produzem conteúdos para as redes sociais, influencia

¹⁰ Ao todo, habitam no Tocantins 8 etnias indígenas, sendo elas: Karajá, Javaé, Xambioá, Xerente, Apinajé, Krahô, Krahô-Kanela e Avá-Canoeiro.

sobremaneira a construção dessa identidade e a representação da cultura local, enfatizando aspectos regionais.

Mais do que consequência ou produção de sentido, a **resistência cultural** também se porta enquanto uma categoria da proposta metodológica, uma vez que se busca valorizar os preceitos do jornalismo cultural na preservação da memória e no que pode culminar em produções de caráter midiativismo, sendo a resistência um de seus principais fatores identificadores (BRAIGHI; CÂMARA, 2018). Resistir é o ato de não se deixar esquecer. É uma prática que só acontece a partir de ações concretas de movimentação conjunta, a fim de que uma cultura, manifestação ou tradição não se perca com o passar do tempo. No caso da viola de buriti, a resistência é concretizada através das músicas, das poesias e do próprio ato de tocar e construir esse instrumento musical.

No que tange às tradições ancestrais, relembrar o passado também se torna uma forma de resistência. Além de registro de memória, tal recordação se firma como prática política e o caminho para a preservação daquilo que está representado. Brito (2025, p.76) reforça que “rememorar significa resgatar o passado vivido como uma forma de questionar as relações e sensibilidades sociais”, apontando a ressignificação das tradições culturais tocantinenses.

Assim, resistir também é um ato político que surge a partir de uma necessidade de continuar existindo no mundo. Para esta proposta, a resistência cultural, enquanto categoria, busca identificar elementos no discurso midiático que contribuem para esse movimento, visando sua preservação.

Elemento central do objeto de pesquisa, a **música** é uma forma de expressão, de linguagem e de comunicação milenar. Dentro de culturas tradicionais, ela se torna indissociável da base identitária de diversas comunidades. Segundo Brito (2025, p. 72), a música é um elemento fundamental para a permanência e resistência de comunidades quilombolas, uma vez que “ela se manifesta na adaptação de elementos da cultura africana, como o som dos pandeiros, berimbaus e batuques, além de uma profunda religiosidade e fé”. Desse modo, a música entra em confluência com os conceitos de ancestralidade, pertencimento, identidade, território, linguagem falada, podendo se firmar como um meio de resistência por meio da melodia que sobrevive aos tempos e às imposições do mercado fonográfico.

Assim, a musicalidade, aqui entendida, também, como a música em si tocada pelos violeiros e rabequeiros, se impõe enquanto categoria, dada a sua importância central para o



tema. Ademais, reconhecemos o papel da representação coletiva dessa musicalidade, uma vez que é a partir desse movimento que a cultura da viola de buriti se perpetua (SILVA, 2018, p. 38). Assim, como última proposta de categoria, a musicalidade é apresentada a fim de analisar e identificar elementos musicais dentro dos conteúdos midiáticos de representação da viola de buriti, com foco não somente na técnica ou na teoria da música em si, mas também nos discursos que são transmitidos por meio dela como forma de expressão e resistência, uma vez que a musicalidade também pode estar presente nas falas e nas histórias contadas.

Sendo assim, chegamos à proposta metodológica dos critérios analíticos de produtos culturais regionais, ilustrados na figura a seguir (FIG 2), em que se apresenta a categoria a ser analisada, a descrição de como ela é visualizada no material e o resumo da interpretação de seu sentido, a partir da análise estabelecida.

Tabela de análise de produtos culturais regionais

CATEGORIA	DESCRIÇÃO	INTERPRETAÇÃO
Território		
Identidade		
Ancestralidade		
Objetos e cenário		
Linguagem falada		
Resistência cultural		
Musicalidade		

Fonte - Autores, 2025

5. As cordas que entrelaçam a cultura: uma proposta de análise

Como exemplo de aplicação desse modelo de análise, foi selecionada uma reportagem¹¹ produzida pelo Jornal do Campo¹², programa da TV Anhanguera¹³, que foi veiculada na edição do dia 21 de abril de 2024, com o título “*Mestres de viola de buriti se*

¹¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12534826/>. Acesso em 3 de out. 2025.

¹² Programa telejornalístico local que apresenta reportagens sobre a vida do produtor rural e o cenário do agronegócio tocantinense. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/jornal-do-campo-to/t/hdvj6PfmSb/>. Acesso em 12 de out. 2025.

¹³ Afiliada da Rede Globo no Tocantins.

apresentam em Taquaruçu durante encontro cultural”. A escolha dessa matéria para a análise piloto, para além da relevância cultural do tema da viola de buriti, justifica-se por ser uma das únicas reportagens que tratam sobre o tema e, também, a primeira matéria televisionada a respeito da realização de uma das edições do Café com Viola. A reportagem em questão tem como foco a cobertura da 4ª edição do evento.

A matéria tem a duração de 3 minutos e 4 segundos, contando com a cabeça, que é a fala do apresentador que antecede a reportagem, e as trilhas sonoras que abrem e fecham o material, conhecido como “sobe-som”, na linguagem do telejornalismo. A matéria segue a estrutura padrão de uma telerreportagem, com off (narração da repórter com imagens sobre o assunto que se fala), passagem (quando a repórter aparece no vídeo) e sonoras (as entrevistas com as fontes). São 5 pessoas entrevistadas: Cristiano Lopes (o nome correto seria Getúlio Correia, conhecido como Seu Miúdo), rabequeiro apresentado na matéria como produtor rural; Daniela Aires, produtora do evento; Wanderley Batista, artesão; Arnon Ribeiro, violeiro; e Missim da Viola, violeiro.

Logo na cabeça que apresenta a reportagem, o apresentador fornece uma informação inverídica, ao classificar o encontro, a música e o instrumento como “patrimônio cultural”, uma vez que a viola ainda não pode ser identificada como tal, conforme já apresentado anteriormente neste artigo. Logo em seguida, a reportagem começa mostrando a rabeca, não a viola de buriti inicialmente apresentada. Tal confusão dificulta a demarcação da identidade do instrumento, promovendo dubiedade de informações.

A reportagem segue focando no evento Café com Viola enquanto um evento cultural que demarca o inédito encontro entre os principais violeiros, de acordo com a repórter. Porém, afirmar que o evento é inédito é uma contradição, já que a própria reportagem trata da 4ª edição do Café com Viola. Contudo, a fala institucional da produtora do evento reafirma a organização do evento, seguida da confirmação e valorização dele por conta dos violeiros entrevistados no decorrer da matéria.

Os critérios anteriormente apresentados estão presentes na reportagem, seja nos offs da repórter, nas imagens ou nas falas das pessoas entrevistadas, conforme descritos a seguir.

a) Território: a localidade é demarcada na reportagem, tanto da realização do evento, em Taquaruçu, distrito de Palmas, quanto na apresentação de dois dos personagens, indicando as cidades de onde vieram, Ponte Alta e Comunidade Quilombola Mumbuca, na Região do Jalapão, importante ponto turístico do estado. No entanto, ainda que tais territórios sejam

citados e indicados, não há maior visualização sobre esses espaços, seja o local onde o evento ocorre, seja o distrito que o sedia, tampouco as cidades de onde os instrumentistas vieram, na indicação de mapa ou em imagens de arquivo. Essa falta de representação imagética pode ser prejudicial em relação ao reforço da identidade e da ligação com o território, uma vez que distancia o público das localidades citadas, a partir de sua invisibilização. Importante ressaltar, ainda, que o Jornal do Campo, que veiculou a matéria, é transmitido para os estados de Goiás e do Tocantins, reforçando a importância de demarcação territorial na identificação e valorização da cultura e da solidificação do evento.

b) Identidade: O tema da reportagem é a viola de buriti, mas o destaque inicial é para a rabeca, o que abre para a interpretação de que sejam instrumentos muito similares ou idênticos, não respeitando a individualidade de cada um. Ademais, identificamos um equívoco na elaboração do crédito da matéria em relação ao nome do entrevistado Getúlio Correia (Seu Miúdo), que foi creditado como ‘Cristiano Lopes’. Para além do erro no nome, o mestre da rabeca de buriti também é creditado como ‘produtor rural’, ao invés de músico ou rabequeiro, por exemplo, minimizando a relação dos personagens da reportagem com o instrumento e a cultura que ele representa. Quando a repórter apresenta o entrevistado, afirma que Seu Miúdo “é o último rabequeiro vivo”, o que entra em contradição com os fatos levantados anteriormente neste trabalho. Essas identificações errôneas prejudicam a construção da identidade dos mestres e da própria viola de buriti enquanto objeto e instrumento que representa a cultura tocantinense. Os textos da matéria reforçam tal aspecto cultural, culminando na última fala do personagem que encerra a reportagem, afirmando que a viola de buriti representa “paz, alegria, dá inspiração”. Tais afirmações das fontes reforçam a relação do instrumento com a construção da própria identidade, não somente como instrumentista, mas como perpetuador da cultura. Assim, a identidade relacionada à viola de buriti é construída a partir dos depoimentos dos próprios músicos, não necessariamente pelo texto jornalístico em si.

c) Ancestralidade: Um ponto importante registrado na reportagem é a tradição familiar da viola, simbolizando ser um valor ancestral. Ao apresentar um violeiro, a repórter afirma que ele “herdou a tradição da família no quilombo mumbuca e hoje tem a missão de dar continuidade da viola de buriti, patrimônio artístico na região do Jalapão”. Mesmo não tendo abordado diretamente a ancestralidade enquanto valor (in)formativo, o texto traz os elementos que permitem classificar tal referência à ancestralidade, como tradição familiar

ligada a um espaço quilombola, sua relação com o território e a manifestação artística. Ainda que este seja um ponto fundamental na produção e perpetuação da cultura da viola de buriti, a reportagem dedica somente este espaço a essa representação, sem nomeá-la como tal.

d) Objetos e Cenário: As primeiras imagens mostram a rabeca sendo tocada, para, depois, mostrar a viola de buriti. Importante observar que o próprio Buriti ou o buritizeiro não são mostrados, tampouco é explicado sobre o processo de produção da viola ou apresentação dos instrumentos para o público leigo, uma vez que a matéria seguiu a o ímpeto factual do tema, em agenda cultural, na cobertura do evento. Em decorrência disso, o cenário se fecha na tenda em que ele ocorre, sem muita variedade de perspectivas, enquadramentos e de cenários, tampouco apresentando o distrito que o sedia, nem outros espaços citados, ainda que se o fizesse com imagens de arquivo ou computação gráfica. Nota-se uma preferência por cenas mais fechadas, em plano close ou detalhe, que aproxima o telespectador dos personagens e das pessoas ali mostradas, mas não dá a amplitude do evento e a magnitude de sua realização em plano geral.

e) Linguagem falada: O que chama atenção neste critério é a diferença nas falas e nos sotaques entre a repórter e os personagens, principalmente os violeiros. O tom de voz mais sério da repórter, buscando a pretensa e inalcançável neutralidade, afasta-se do tom intimista e informal dos entrevistados, que promovem maior aproximação com o público e com as pessoas diretamente ligadas à cultura do instrumento, permitindo maior identificação.

f) Resistência cultural: O texto lido pela repórter ressalta a importância histórica e cultural da viola de buriti, cita cidades do interior e comunidades quilombolas, mas não relaciona a prática à preservação cultural, tampouco enquanto um modo de resistência. Entende-se que, enquanto pauta jornalística, não se objetivava traçar um panorama completo sobre o instrumento e sua importância histórica e territorial. No entanto, considerá-lo apenas como objeto da música pode minimizar sua relevância para a construção da identidade cultural do estado.

g) Musicalidade: A música está presente em toda a reportagem, seja como sobe-som, bg ou, até mesmo, ao fundo das falas das pessoas entrevistadas. A musicalidade também é notória na fala de alguns personagens, não somente como tema das respostas, mas na cadência da oralidade. No entanto, as canções feitas e executadas pelos violeiros não são exibidas em sua totalidade, tampouco valorizando as letras, que revelam, como apresentado

nas epígrafes deste artigo, a forte relação com o instrumento enquanto objeto de preservação cultural e construção da identidade.

Sendo assim, a proposta metodológica permite a possível síntese de análise (TAB. 1):

CATEGORIA	DESCRIÇÃO	INTERPRETAÇÃO
Território	Não mostra os territórios citados, como Taquaruçu, Ponte Alta e Mumbuca.	A invisibilidade territorial promove afastamento entre a cultura e a localidade, apontando um “não-lugar”.
Identidade	Mistura rabeca de buriti com viola de buriti, assemelhando os instrumentos e apagando suas individualidades.	A homogeneização apaga a diversidade cultural e prejudica o reforço da identidade.
Ancestralidade	Indica a tradição familiar ligada ao território, o que ajuda a construir a ancestralidade, mas não a cita como parte constituinte da identidade cultural.	A ausência da nomeação de ancestralidade contribui para o enfraquecimento cultural e demarcação socio-racial, sendo um exemplo de marcas colonialistas.
Objetos e Cenário	<p>A viola e a rabeca de buriti são mostradas, principalmente ao ilustrar os instrumentos, mas não se mostra o buritizeiro, matéria-prima de ambos, nem outros objetos importantes para a construção dessa cultura.</p> <p>Para além disso, somente o local da realização do evento é representado.</p>	<p>A falta de detalhamento da construção dos objetos prejudica a perpetuação da tradição e os ensinamentos sobre o instrumento.</p> <p>A exclusividade de imagens do evento, além de indicar a cobertura de agenda, também aponta para a minimização da riqueza visual da cultura da viola de buriti.</p>

Linguagem Falada	Repórter com sotaque do sul/sudeste brasileiro, entonação formal, seguindo a padronização jornalística. Entrevistados, principalmente violeiros, com linguagem informal e fortes traços ortográficos oralizados.	Há um distanciamento entre repórter e fontes, devido a diferença das falas e tom de voz, promovendo o afastamento entre a representação midiática da cultura que visa apresentar.
Resistência Cultural	Cobertura do evento, foca no encontro e nas apresentações, sem citar a palavra "resistência", relacionando pouco o movimento à cultura regional, especificando-se alguns locais isolados representados pelos violeiros.	Não demonstra a viola de buriti como parte de uma construção de identidade cultural regional, sendo símbolo de resistência quilombola.
Musicalidade	Trilha como sobe-som, background e de fundo das sonoras, sem uma música específica ou completa.	Apresenta a música como o uso do instrumento, mas não em sua completude com letra e melodia.

A partir da análise aqui empreendida e da síntese apresentada na tabela acima, percebemos que a reportagem *Mestres de viola de buriti se apresentam em Taquaruçu durante encontro cultural* segue a abordagem de agenda, na cobertura do evento, não aprofundando em seus aspectos culturais mais amplos. Ademais, nota-se certo distanciamento não somente do tema e da promoção da identidade e da perpetuação da cultura, mas também entre o jornalismo e o grupo/objeto a ser representado. Dessa forma, a representação midiática da viola de buriti se torna superficial e pouco relacionada a aspectos regionais na construção coletiva da identidade e valorização da cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo objetivou elaborar uma proposta metodológica de categorização de análise de videorreportagem sob a ótica do Jornalismo Cultural que respeite as origens quilombolas e

outros aspectos intrínsecos às comunidades a serem representadas que reforçam a identidade daquele grupo minorizado em questão. Acreditamos que a elaboração dessa proposta metodológica, firmada na aplicabilidade da Análise de Conteúdo e na de/contracolonialidade, possa ser adaptada para outros materiais jornalísticos e comunicacionais, considerando suas especificidades, mas a fim de valorizá-las e despontar como possíveis categorizações que se tradicionalizem para além do recorte europeizado já observado academicamente.

A partir da Análise de Conteúdo aqui apropriada e empreendida, com o pano de fundo discursivo contra-hegemônico, observamos a necessidade de rever práticas metodológicas já consolidadas e atualizá-las aos contextos de aplicação, estudo e subjetividades. Ainda que não tenha tido o foco discursivo mais aprofundado, ter como pano de fundo a análise do discurso contra-hegemônica permitiu uma análise mais subjetiva, considerando os saberes locais e regionais, a fim de apontar como tais conhecimentos foram ou não valorizados no material analisado. A despeito do rigor da objetividade científica, essa relação interpretativa e subjetiva com o objeto de análise e os sujeitos ali representados, abre caminho para análises mais humanizadas e respeitadas, que levem em consideração os elementos que constituem a construção daquela identidade e a valorização da cultura em sua diversidade e completude.

Dessa forma, fica evidente que, quando se trata de manifestações culturais e movimentos tradicionais/quilombolas, deve-se valorizar tal cultura não somente como objeto de estudo, mas como protagonistas do próprio fazer científico. Lançar luz sobre isso, a partir do olhar metodológico que valorize tais questões, é colocar em prática o que apregoa a Comunicação na atualidade, além de valorizar os saberes ancestrais, apontando novos horizontes da pesquisa, como destaca o Encontro no qual este trabalho se insere.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa : Edições 70 , 2002.

BONILLA, Marcus Facchin. **Minha viola é de buriti**: uma etnomusicologia aplicada-participativa-engajada sobre a musicalidade no quilombo Mumbuca, no Jalapão (TO). 2019. 204 f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2016. 120 p. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/>. Acesso em: 30 jan. 2026.

CÂMARA, Marco Túlio. Pluralidade e movimento são características da cultura de Palmas em 34 anos de história. **G1 Tocantins**, 2023, online. Disponível em:

<https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2023/05/20/pluralidade-e-movimento-sao-caracteristicas-da-cultura-de-palmas-em-34-anos-de-historia.ghml> Acesso em 16 fev. 2026.

CÂMARA, Marco Túlio. "**Ouçam as bichas pretas**": a multimodalidade na construção de masculinidades pretas e as produções de sentidos midiativistas em vídeos no "YouTube". São Carlos/SP: Pedro e João Editores 2024a.

CÂMARA, Marco Túlio. "MAIS DO QUE UMA CONVERSA, UMA CONVOCAÇÃO". In: **ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2024, Niterói. Anais eletrônicos..., Galoá, 2024b.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Processo administrativo nº 01422.000023/2018-53**. Brasília, DF: IPHAN, 2024. Disponível em: https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?wt7h6hFBI_9S3DJjGLl0dpOiiSEO_L4RcICP821UP_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOerc-boq5aJsGIGSDnhP6_RtXbFOrjS3zYa1IVtzboFR1giTR-w. Acesso em: 12 out. 2025.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. Organização de Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 128 p.

LIMA, Paulo Roberto Albuquerque de; MENESES, Verônica Dantas. A música tocantinense como valor simbólico e sua difícil inserção como bem de consumo. In: GEVEHER, Daniel Luciano (org.). **Temas da diversidade: Experiências e Práticas de Pesquisa**. 1. ed. [S. l.]: Editora Crossref, 2021. p. 64-81.

MESTRES de viola de buriti se apresentam em Taquaruçu durante encontro cultural. **Jornal do Campo - TO**. TV Anhanguera, Palmas, 21 abr. 2024. Globoplay, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12534826/>. Acesso em: 12 out. 2025.

MOREIRA, Anne Karianny de Sousa. O telejornalismo como agente na preservação da identidade da Comunidade Quilomba do Morro de São João, em Santa Rosa do Tocantins - TO. In: ASSIS, Ingrid Pereira de; MIRANDA, Anna Karolyne Souza (org.). **Audiovisualidades do Norte**. Palmas, TO: EdUFT, 2025. p. 22-30.

NORRIS, Sigrid. **Analyzing Multimodal Interaction: A Methodological Framework**. Londo/New York: Routledge, 2004.

OLIVEIRA, Tarcísio. Prefácio. In: ASSIS, Ingrid Pereira de; MIRANDA, Anna Karolyne Souza (org.). **Audiovisualidades do Norte**. Palmas, TO: EdUFT, 2025. p. 5-6.

PAIVA, Adriana Borges de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; HILLESHEIM, Mara Cristina Piolla. Análise de conteúdo: uma técnica de pesquisa qualitativa. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 16-33, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne; GOMES, Letícia Santana; COSTA, Julia Lourenço. Uma análise do discurso contra-hegemônica. Interseccionalidade crítica e pluriversalidade decolonial. **Fórum Linguístico**, v. 20, n. 3, p. 9433-9453, 2023.

PERES, Henri Thiago Lima Freitas. **O espaço da cultura no telejornalismo do DF**: uma análise dos telejornais locais DF TV e CIDADE VIVA. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PONTO DE CULTURA POTE DE OURO ART 'S. *Viola de Buriti*. Disponível em: www.violadeburiti.com.br. Acesso em: 30 out. 2025.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação.** Brasília: Enap, 2021. 155 p. (Coleção Metodologias de Pesquisa).

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023. 112 p.